



MUDANÇAS NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: UMA REFLEXÃO BIOÉTICA

Autor(es): BLANK, Dionis Mauri Penning; BRAUNER, Maria Claudia Crespo

Apresentador: Dionis Mauri Penning Blank

Orientador: Maria Claudia Crespo Brauner

Revisor 1: Silney Alves Tadeu

Revisor 2: Jader Ribeiro Pinto

Instituição: UFPel

Resumo:

É entendível que o curso das novidades biotecnológicas passa por inúmeras teorizações e diz respeito a um elevado domínio de interesses, o que implica em obstaculizar a possibilidade da população ter acesso seguro à informação. A provocação fundamenta-se na produção de uma percepção comum e inteligível dos conhecimentos científicos que deveria ser absorvida pelo direito, com o intuito de justificar normas com conteúdos nítido e prático. Nesse sentido, a bioética tem-se tornado uma determinante contribuição para o pensar e o modo de agir humanos, em meio à violenta modificação das ciências da vida, e no cuidado com a saúde humana. Na sociedade contemporânea, a relação médico-paciente tem, de um lado, médicos que reclamam de um sistema de saúde falho e precário, o qual não possibilita interação e, de outro, pacientes que reclamam falta de atenção e sua redução a um simples número de identificação, fazendo com que percam suas identidades. Assim, o objetivo do trabalho é evidenciar as mudanças na relação médico-paciente a partir de uma reflexão bioética. A bioética trata-se de um acontecimento cultural que chama à reflexão os interesses da biotecnologia e da biomedicina. Ainda, sua característica de incorporar múltiplas visões impulsiona a compreensão, a busca pelo conhecimento e o debate, pela população, acerca de tratamentos de saúde, investigações científicas, medicamentos e intervenções que digam respeito não apenas à vida humana, mas também ao ambiente e outras formas de vida. O poder exercido pelos médicos sobre os pacientes pode ser evidenciado quando se leva em consideração o desconhecimento das enfermidades pelos pacientes. Nesse cenário, a relação médico-paciente torna-se conflituosa, pois, de um lado, tem-se a figura centralizadora do médico, detentor do saber, já que teve acesso a uma formação técnico-científica adequada e, conseqüentemente, retém a autoridade sobre os corpos dos pacientes. Enquanto que, na direção oposta, estão os pacientes, trazendo consigo todas as inquietações referentes ao processo saúde-doença. Desse modo, pode-se referir que, na sociedade brasileira, o paciente, no momento em que fica enfermo, perde a posse de seu corpo, entregando-a ao médico, o qual deverá ter uma conduta ajustada às normas éticas e jurídicas e aos princípios orientadores da relação.